

As tumultares

Guy de Maupassant

Os cinco amigos acabavam de jantar. Eram cinco homens da alta sociedade, maduros, ricos—três casados e dois solteiros. Reuniam-se assim todos os meses, para recordar a mocidade, e depois de jantar conversavam até as duas horas da madrugada. Tendo permanecido amigos íntimos e, gostando de estar juntos, achavam, talvez, que fossem aqueles os melhores serões de suas vidas. Tagarelavam sobre tudo, tudo o que ocupa e diverte os parisienses; entre eles, como de resto na maioria dos salões, faziam uma espécie de repetição falada da leitura dos jornais da manhã.

Um dos mais alegres era José de Bardon, celibatário que vivia a vida parisiense do modo mais completo e mais fantasista. Não era um libertino, nem tampouco um depravado, e sim um curioso, um tipo jovial, ainda moço, pois tinha apenas quarenta anos. Mundano, no sentido mais amplo e benévolo que o termo possa merecer, dotado de muito espírito, sem grande profundidade, de saber variado, sem verdadeira erudição, de compreensão ágil, sem penetração séria, ele tirava das suas observações, das suas aventuras, de tudo o que via, encontrava e olhava, anedotas de romance cômico, ao mesmo tempo que filosófico, e reparos humorísticos que lhe davam na cidade uma grande reputação de inteligência.

Era o orador do jantar. A cada vez tinha sua história, com a qual contavam. Começou a contá-la sem que ninguém pedisse.

Fumando, com os cotovelos em cima da mesa e um cálice de bom conhaque pelo meio diante do prato, entorpecido numa atmosfera de tabaco aromatizado pelo café quente, parecia estar na própria casa, como certos seres no seu ambiente natural, em certos lugares e em certos momentos, como uma devota na capela, ou um peixe vermelho no seu aquário. Disse entre duas baforadas de fumaça:

— Aconteceu-me, há tempos, uma aventura estranha. Todas as bocas quase que simultaneamente pediram:

— Conte.

— De bom grado—acedeu.—Vocês sabem que passeio muito em Paris, como os amantes de bibelôs esquadrinham as vitrines. Espreito os espetáculos, as pessoas, tudo o que passa, e tudo o que se passa.

"Ora, em meados de setembro, fazia um tempo magnífico; saí, pois, de casa uma tarde, sem saber onde iria. Temos sempre um vago desejo de visitar uma mulher bonita qualquer. Escolhemos na própria galeria, comparamo-las no pensamento, pesamos o interesse que nos inspiram, a sedução que exercem sobre nós e nos decidimos afinal de acordo com a atração do dia. Mas quando o sol está bastante lindo e o ar tépido, desaparece muitas vezes a idéia de visitas.

"O sol estava lindo e o ar tépido; acendi um charuto e me fui muito idiotamente ao bulevar exterior. Depois, como estivesse vagando a esmo, ocorreu-me a idéia de ir até o cemitério Montmartre, e lá entrar.

"Os cemitérios me agradam muito; repousam-me e melancolizam-me; é uma necessidade que sinto. E além disso temos também ali dentro bons amigos, desses a quem não se vai mais visitar; mas eu ainda vou, de quando em quando.

"Justamente, nesse cemitério Montmartre, tenho uma história sentimental, uma amante que muito me prendera, uma encantadora mulherzinha, cuja recordação, ao mesmo tempo que me penaliza muito, me dá saudades... saudades de toda a natureza... E vou sonhar sobre seu túmulo... Para ela está tudo acabado.

"E, ademais, também gosto dos cemitérios por serem eles cidades monstruosas, prodigiosamente habitadas. Pensem no número de mortos que há naquele pequeno espaço, em todas as gerações parisienses que estão alojadas ali para sempre, trogloditas definitivos encerrados nas suas pequenas catacumbas, nas suas pequenas covas, cobertas com uma pedra ou assinaladas por uma cruz, ao passo que os vivos ocupam tanto lugar, e fazem tanto barulho, esses imbecis!

"E, mais ainda, há nos cemitérios monumentos quase tão interessantes como nos museus. O túmulo de Cavaignac fez-me pensar, confesso, sem compará-lo, naquela obra-prima de Jean Goujon: o corpo de Louis de Brézé, deitado, na capela subterrânea da catedral de Ruão; toda a arte chamada moderna e realista ali se encontra, senhores. Esse morto, Louis de Brézé, é mais real, mais terrível, mais feito de carne inanimada contraída ainda pela agonia, do que todas as estátuas de expressão forçada que se encontram hoje sobre os túmulos.

"Mas no cemitério Montmartre pode-se ainda admirar o monumento de Baudin, que tem grandeza; o de Gautier, o de Murger, onde vi, dias atrás, uma pobre coroa de perpétuas amarelas, isolada, trazida por quem? Pela última costureirinha, hoje muito velha e talvez porteira nas cercanias? É uma linda estatuazinha de Millet,

mas que o abandono e a sujeira vão destruindo. Canta a mocidade, o Murger!

"Eis-me, pois, entrando no cemitério Montmartre e de súbito impregnado de tristeza, de uma tristeza que de resto não doía muito, uma dessas tristezas que nos fazem pensar quando nos sentimos bem de saúde: 'Não é nada convidativo este lugar, mas para mim ainda não chegou a hora'.

"A impressão do outono, dessa umidade morna que cheira a folhas secas e a sol enfraquecido, cansado, anêmico, agravava, poetizando-a, a sensação de solidão e de fim definitivo que flutua naquele lugar, onde a atmosfera exala a gente morta.

"Fui-me a passos lentos por aquelas ruas de túmulos, onde os vizinhos não vizinham, não se deitam mais juntos e não lêem jornais. E pus-me a ler os epitáfios. Ah! isso sim, meus amigos, é a coisa mais divertida do mundo. Nunca Labiche, nunca Meilhac me fizeram rir como o cômico da prosa tumbal. Ah! que livros superiores aos de Paul de Kock para desopilar o fígado são essas placas de mármore e essas cruzes, onde os parentes do morto deixam suas saudades, seus votos pela felicidade dos desaparecidos no outro mundo, e suas esperanças de se reunirem a eles — farsantes!

"Mas nesse cemitério adoro sobretudo a parte abandonada, solitária, cheia de grandes teixos e de ciprestes, velho bairro dos antigos mortos que breve voltará a ser um bairro novo, no qual serão derrubadas as árvores verdes, nutridas de cadáveres humanos, para se alinharem os recentes falecidos, sob pequenas lajes de mármore.

"Depois de por ali ter vagado o tempo necessário para refrescar o espírito, percebi que ia me entediar, e que era preciso levar ao derradeiro leito da minha amiguinha a homenagem fiel de minha recordação. Estava com o coração apertado ao chegar junto a seu túmulo. Pobre querida! ela era tão gentil, tão amorosa e tão alva, e tão moça... e agora... se abrissem aquilo...

"Inclinado sobre a grade de ferro, disselhe baixinho minha dor, que ela sem dúvida não ouviu, e ia retirar-me, quando vi uma mulher de preto, de luto pesado, ajoelhar-se no túmulo ao lado. O véu de crepe, erguido, deixava entrever uma linda cabeça loira, cujos cabelos em cachos pareciam iluminados por uma luz de aurora, por sob a noite do seu chapéu. Fiquei.

"Certamente ela deveria sofrer uma dor profunda. Escondera os olhos nas mãos e, rígida, numa meditação de estátua, mergulhada nas suas saudades, desfiando, na sombra dos olhos ocultos e fechados, o rosário torturante das recordações, ela própria parecia uma morta a pensar num morto... Depois, de repente, percebi que ela ia chorar; percebi por um pequeno movimento das costas, semelhante ao estremecimento provocado pelo vento num salgueiro. A princípio chorou suavemente, depois mais forte, com movimentos rápidos do pescoço e dos ombros. Subitamente descobriu os olhos. Estavam cheios de lágrimas e eram encantadores, olhos de louca, que ela passeou em torno de si, numa espécie de despertar de pesadelo. Viu que eu a olhava; pareceu envergonhada e ocultou todo o rosto nas mãos. Seus soluços tornaram-se então convulsivos e a cabeça curvou-se lentamente para o mármore. Pousou nele a fronte, e o véu, espalhando-se em torno, cobriu os ângulos brancos da sepultura amada, como um novo luto. Ouvi-a gemer, depois abateu-se com o rosto sobre a laje, e ficou imóvel, desacordada.

"Precipitei-me para ela, bati-lhe nas mãos, soprei sobre as pálpebras, ao mesmo tempo que lia o epitáfio muito simples: Aqui repousa Luís Teodoro Carrel, capitão de infantaria de marinha, morto pelo inimigo em Tonquim. Oraí por ele.

"Essa morte datava de alguns meses. Enternece-me a ponto de quase chorar, e redobrei de solicitude. Meus cuidados tiveram êxito; ela voltou a si. Eu estava com um ar muito emocionado — não sou muito feio e não tenho ainda quarenta anos. Compreendi, pelo seu primeiro olhar, que seria cortês e grata. Ela o foi, com outras lágrimas, e contou sua história, que saiu por fragmentos de seu peito anelante, a morte do oficial tombado em Tonquim, ao cabo de um ano de casamento, depois de a ter desposado por amor, porquanto, órfã de pai e mãe, ela possuía apenas o dote regulamentar.

Consolei-a, reforcei-a, soergui-a, levantei-a. Depois:

— Não fique aqui — disselhe. — Venha. Ela murmurou:

— Não me sinto com forças para caminhar.

— Vou ampará-la.

— Obrigada, senhor. Vinha também chorar um morto?

— Sim, senhora.

— Uma morta?

— Sim, senhora.

— Sua esposa?

- Uma amiga.
- Pode-se amar uma amiga tanto como a uma esposa; a paixão não olha leis.
- Sim, senhora.

E eis-nos caminhando juntos, ela apoiada em mim, eu quase a carregando pelos caminhos do cemitério. Quando saímos, ela murmurou, desfalecendo:

- Creio que vou desmaiar.
- Quer entrar em algum lugar, tomar alguma coisa?
- Sim, senhor.

"Vi um restaurante, um desses restaurantes onde os amigos dos mortos vão festejar o penoso trabalho concluído. Entramos. Fiz-lhe beber uma xícara de chá bem quente, que pareceu reanimá-la. Assomou-lhe aos lábios um vago sorriso. E falou-me de si. Era tão triste, tão triste o ver-se só, toda a vida, sozinha em casa, noite e dia; não ter mais ninguém a quem tributar afeição, confiança, intimidade.

"Aquilo parecia sincero, e nos seus lábios tornava-se gentil.

Eu me enternecia. Ela era muito moça, vinte anos, talvez. Fiz-lhe uns elogios, que ela aceitou muito bem. Depois, como se fizesse tarde, propus reconduzi-la para casa num carro. Ela aceitou; e no fiacre ficamos de tal modo um junto ao outro, ombro com ombro, que nosso calor se misturava através da roupa, o que é, sem dúvida nenhuma, a coisa mais perturbadora deste mundo.

"Quando o carro parou na casa dela, murmurou:

— Sinto-me incapaz de subir a escada sozinha, porque moro no quarto andar. O senhor tem sido tão bom! Quer ter ainda a bondade de dar-me o braço até meu apartamento?

"Apressei-me em aceder. Ela subiu lentamente, ofegando muito. Depois, em frente à porta, acrescentou:

— Entre um momento para que possa agradecer-lhe. "E, naturalmente, entrei.

"Era uma habitação modesta, até mesmo um pouco pobre, porém agradável e bem arrumada.

"Sentamo-nos lado a lado num pequeno sofá, e ela falou novamente na sua solidão.

"Tocou a sineta, chamando a criada, a fim de me oferecer algo para beber. A criada não veio. Fiquei encantado, calculando que a tal criada não devia vir senão de manhã; seria o que se chama uma arrumadeira de casa.

"Ela havia tirado o chapéu. Era verdadeiramente gentil com seus olhos claros fixos em mim, tão bem fixos, tão claros que tive uma terrível tentação e a ela cedi. Tomei-a em meus braços e sobre suas pálpebras, que se cerravam de súbito, depusitei beijos... beijos... beijos... e mais beijos.

"Ela se debatia, repelindo-me e repetindo:

— Acabe... acabe... acabe de uma vez.

"Que sentido daria ela a essa palavra? Em semelhante 'acabe' pode haver pelo menos dois. Para fazê-la calar passei dos olhos para a boca, e dei à palavra 'acabe' a significação que eu preferia. Não resistiu muito. quando nos tornamos a olhar, após esse ultraje à memória do capitão morto no Tonquim, ela apresentava um ar lânguido, enternecido, resignado, que dissipou minha inquietação.

"Fui então galante, solícito, grato. E, após nova palestra de cerca de uma hora, perguntei-lhe:

- Onde costuma jantar?
- Num pequeno restaurante, aqui perto.
- Sozinha?
- Sim, naturalmente.
- Quer jantar comigo?
- Onde?
- Num bom restaurante do bulevar.

"Ela resistiu um pouco; eu insisti. Cedeu, afinal, dando-se a si mesma esta desculpa: 'A borreço-me tanto.. tanto!' Depois acrescentou: 'Preciso pôr um vestido um pouco menos escuro'.

"E entrou no seu quarto de dormir.

"Quando de lá saiu, estava de meio luto, encantadora, fina e esbelta numa toalete cinzenta muito simples. Tinha evidentemente traje de cemitério e traje de cidade.

"O jantar foi muito cordial. Ela bebeu champanhe, iluminou-se, animou-se e eu voltei à casa dela, com ela.

"Essa ligação, atada sobre túmulos, durou cerca de três semanas. Mas nos cansamos de tudo, e principalmente das mulheres. Deixei-a, sob pretexto de uma viagem indispensável, Tive uma partida muito generosa, que ela muito me agradeceu. Fez-me prometer, fez-me mesmo jurar que voltaria após meu regresso; parecia estar realmente caída por mim.

"Corri em busca de outras ternuras e passou-se mais ou menos um mês, sem que a idéia de rever aquela pequena amorosa funerária fosse suficientemente forte para que eu cedesse ao seu impulso. Entretanto, não a esquecera... Sua recordação perseguia-me como um mistério, como um problema de psicologia, como uma dessas questões inexplicáveis, cuja solução nos inquieta.

"Não sei por que, um dia imaginei que tornaria a encontrá-la no cemitério Montmartre, e fui até lá.

"Passei muito tempo sem encontrar ninguém, a não ser os visitantes habituais do lugar, os que não cortaram ainda toda relação com seus mortos. O túmulo do capitão, morto no Tonquim, não tinha carpideiras no seu mármore, nem flores, nem coroas.

"Mas como me perdesse num outro recanto dessa grande cidade dos mortos, avistei de repente, na extremidade de uma estreita avenida de cruzeiros, vindo para meu lado, um casal, de luto pesado, o homem e a mulher. Oh! Assombro! Quando eles se aproximaram, reconhecia.

"Era ela.

"Viu-me, corou, e como a roçasse ao passar por ela, fez-me um pequenino sinal, uma olhadela que significava: 'Não me reconheça', mas que também parecia dizer: 'Venha ver-me, meu querido'.

"O homem era de boa aparência, distinto, elegante, oficial da Legião de Honra, de uns cinquenta anos mais ou menos.

"E ele a amparava, como eu a amparara ao sair do cemitério.

"Retirei-me estupefato, perguntando a mim mesmo o que era aquilo que acabara de ver, a que raça de seres pertencia aquela caçadora sepulcral. Seria uma simples cortesã, uma prostituta inspirada, que ia colher sobre os túmulos os homens tristes perseguidos pela imagem de uma mulher, esposa ou amante, e perturbados ainda pela recordação das carícias desaparecidas? Seria ela única? Serão elas várias? Será aquilo uma profissão? Será que se 'faz o cemitério' como se 'faz a avenida'? As Tumulares! Ou então teria sido ela a única a ter aquela idéia admirável, de uma profunda filosofia, de explorar as saudades de amor que são reanimadas nesses lugares fúnebres?

"E bem quisera eu saber de quem era ela viúva nesse dia..."